

GUIA
Politicamente
INCORRETO
do Meio Ambiente

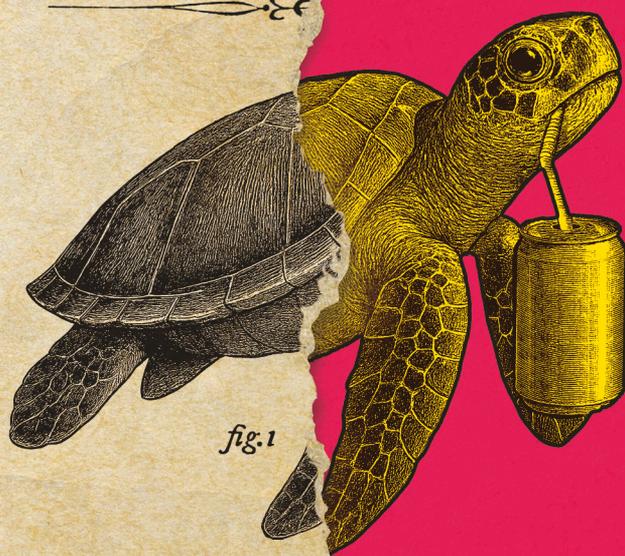
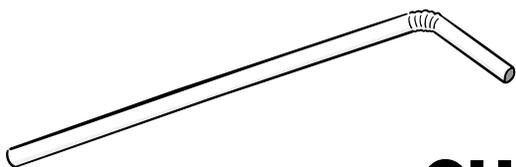


fig.1

LEANDRO M. Narloch
autor com mais de 1 milhão
de exemplares vendidos



Leandro Narloch



GUIA
politicamente
INCORRETO
do Meio Ambiente



*Para Ivy, pelos melhores
e piores momentos*



Apresentação



Na quarentena de 2020, meu filho mais velho, como milhões de crianças, teve que estudar de casa, pelo computador. E eu, como milhões de pais, acabei escutando as aulas enquanto trabalhava por perto. Descobri assim que boa parte do conteúdo não transmitia conhecimento – transmitia culpa.

Quando o tema da aula de geografia era a mineração, a professora falava da poluição, do desmatamento e do gasto de energia causados pela exploração da bauxita. O livro didático dizia que essa atividade “está associada à geração de divisas para o país e à instalação de polos industriais voltados à exportação, muitas vezes sem benefícios para a população local”.

Não havia nada sobre como a leveza e resistência à corrosão do alumínio transformaram setores inteiros, como a fabricação de aviões. Hoje usado até para embalar sanduíches, o alumínio já custou mais que ouro – o imperador Napoleão III reservava talheres de alumínio para seus convidados mais importantes, deixando os de ouro e prata para os menos prestigiados. Isso mudou quando dois jovens, um francês de 23 anos e um americano de 22, descobriram, cada um a sua maneira, um método para purificar alumínio usando eletricidade.

Ao ouvir essas histórias, meu filho pareceu surpreso por existir alguma coisa interessante no meio de um assunto tão tedioso.

Quando a aula online passou para agricultura, o foco eram os impactos ambientais causados por máquinas, agrotóxicos e fertilizantes químicos, como a contaminação do solo e dos lençóis freáticos, o empobrecimento da biodiversidade e o avanço do desmatamento.

Era como se tudo o que os seres humanos fazem fosse errado. A mecanização do campo, a química, a produção em massa, tudo parecia um pecado, algo que tínhamos que lamentar e que exigia mudanças – nesse caso, para uma “agroecologia baseada em orgânicos, a rotação de culturas e a agricultura familiar”.

Na mesma época, eu lia *O Triunfo da Cidade*, livro do economista Edward Glaeser sobre como as cidades são uma das grandes invenções humanas. Diminuem distâncias e o custo do transporte, facilitam a especialização, o comércio, a troca de ideias e a inovação.

Difícil haver maior contraste com uma lição de casa que meu filho era obrigado a fazer. Não me esqueço disso: uma folha de papel trazia a “urbanização” escrita grande no centro. A tarefa consistia em ligar essa palavra a diversos problemas das cidades: falta de planejamento, poluição, favelização.

O que mais me incomodava (e o que nos fez mudar meu filho de escola no fim daquele ano, para seu alívio) era o desperdício de oportunidades de encantamento. Tanta chance perdida de fascinar as crianças! O foco nos aspectos negativos – alguns reais, outros exagerados ou puramente falsos – não formava cidadãos conscientes. Formava desinteressados.

Aposto que você viveu algo parecido na escola. Boa parte da educação atual tira dos alunos qualquer interesse por geografia, economia ou história do mundo. Tenta colocar nos jovens um par de óculos problematizadores para fazê-los enxergar tudo de forma cinzenta, melancólica e culpada.

O objetivo deste livro é mostrar um outro mundo. Nossa relação com o meio ambiente tem problemas, sim – mas também aprendizados,



criatividade, superações e avanços que no passado as pessoas mal conseguiam imaginar. É possível admirar a civilização ocidental e ainda assim ligar para o meio ambiente. Dá para defender a natureza sem odiar o progresso. Dá para tratar de problemas ambientais sem culpar as crianças pelo crime de existir.

Nas próximas páginas, vamos sacudir alguns vespeiros – as crenças transformadas em dogmas pelos ambientalistas de fê, tabus que ninguém questiona sem ser acusado de herege, vendido ou negacionista. E vamos tentar entender como o ambientalista típico pensa – as falácias e os vieses nos quais ele tropeça. Com frequência, como veremos no capítulo sobre a Amazônia, essa visão de mundo empobrece as pessoas e o meio ambiente.

Não é uma tarefa fácil mexer nesses temas, porque não é só a escola que está contaminada com aquelas lentes problematizadoras. Elas também turvam a visão de boa parte da imprensa, de políticos, burocratas, de ONGs e representantes da Organização das Nações Unidas (ONU). Criam um mundo de falsos problemas, falsas soluções e ilusões coletivas – um filtro tão persistente que às vezes nem percebemos que estamos olhando através dele.

Será que você também foi afetado por esse filtro? Vamos descobrir. A seguir, há um teste de conhecimentos sobre clima e meio ambiente. Peço que o leitor pegue papel e caneta – ou anote no celular – a resposta para estas sete questões:



TESTE DO FIM DO MUNDO



- Entre 1850 e 2020, a temperatura média do planeta:
 - Aumentou
 - Diminuiu
 - Nem aumentou nem diminuiu
- Na média global, o nível do mar está:
 - Aumentando
 - Diminuindo
 - Não há uma tendência clara de aumento ou diminuição
- A frequência de tempestades, furacões e nevascas em todo o mundo está:
 - Aumentando
 - Diminuindo
 - Não há uma tendência clara de aumento ou diminuição
- Já a frequência de inundações em rios ou regiões litorâneas em todo o mundo está:
 - Aumentando
 - Diminuindo
 - Não há uma tendência clara de aumento ou diminuição
- No último século, o total de mortes causadas por eventos climáticos:
 - Aumentou mais de 100%
 - Aumentou até 100%
 - Permaneceu estável
 - Diminuiu até 50%
 - Diminuiu mais de 50%
- Entre 1965 e 2021, acidentes em usinas de energia elétrica causaram a morte de pelo menos 176 mil pessoas. Em que tipo de usina foram esses acidentes?
 - Solar
 - Nuclear
 - Eólica
 - Hidrelétrica
- Em qual das regiões marítimas abaixo há mais presença de lixo plástico?
 - Na região conhecida como A Grande Ilha de Plástico do Pacífico
 - Na costa francesa do Mar Mediterrâneo
 - Na Antártida
 - No meio do Atlântico Sul, entre o Brasil e a África



As duas primeiras perguntas são fáceis: sim, o planeta está esquentando e o nível do mar está subindo – levou quem marcou letra A. Um dos registros mais comprovados e repetidos na ciência é que a temperatura do planeta sobe desde os anos 1970 – de modo que já está mais alta que a de 1850. É o que mostram medições das mais diversas – tanto as de satélite quanto de flutuadores nos oceanos e estações em terra. Da mesma forma, o nível do mar está subindo em média 3 milímetros por ano.

Mas se o leitor assinalou a opção A para as perguntas 3, 4 e 5, sinto lhe dizer que errou. Apesar da incessante repetição da imprensa e de ativistas, a verdade é que o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) não verificou tendências mundiais em tempestades, furacões, nevascas, tempestades de gelo, inundações, secas ou de clima propício a queimadas, além de outros fenômenos climáticos, como veremos no capítulo 6. Já as mortes causadas pelo clima despencaram 98% enquanto a população se multiplicou (capítulo 1).

Na pergunta 7, quem já ouviu falar da Grande Ilha de Lixo do Pacífico deve ter cravado A. Mas a resposta correta são as deliciosas águas do Mediterrâneo francês (capítulo 8). Ah, e daquelas quatro fontes de energia da questão 6, a que mais matou foi a hidrelétrica – dezenas de vezes mais que a nuclear, como veremos brevemente no capítulo 9.

Se o leitor errou algumas das questões acima, bem-vindo: esta obra foi feita sob medida para você. Se acertou tudo – parabéns, gênio do meio ambiente! Mas não feche o livro ainda: prometo uma leitura divertida e bons argumentos para os próximos debates em família.







1. Ode ao óleo

COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS, OS HERÓIS DESPREZADOS DA HUMANIDADE

Biomassa interferindo na biomassa para gerar mais biomassa. Boa parte da história da vida na Terra cabe nessa frase. Desde as primeiras bactérias dos oceanos primordiais até o furioso poodle de minha vizinha, a vida foi um jogo incessante de matéria viva consumindo luz e matéria viva para criar matéria viva. Plantas, animais, fungos, bactérias: uns atacam, outros cooperam, se apoiam, parasitam, competem ou devoram os restos que outros devoradores abandonaram. Mas, de um jeito ou de outro, a vida foi sempre um jantar coletivo em que ninguém tinha certeza se era convidado ou refeição.

Não foi diferente quando nossa espécie entrou na festa. Desprotegidos nas savanas, fomos por muito tempo

o feijão com arroz de crocodilos e tigres de dente-de-sabre. Do mesmo modo, para comer, precisávamos perseguir uma biomassa peluda cheia de carne e gordura, ou dar uma volta pela biomassa para coletar uma biomassa mais quietinha em forma de frutos, sementes ou raízes. Para nos aquecer, vestíamos a moda da época (biomassa de algodão, lã, peles) e queimávamos biomassa (galhos, troncos, folhas secas).

É verdade que também recorriamos a elementos fora do mundo vivo – pedras, metais e minerais, e água e vento para mover barcos e moinhos. Mas mexer nesse mundo inorgânico também exigia um bocado de biomassa, principalmente músculos para mover e talhar pedras, derrubar árvores, cortar a lenha e transformá-la em carvão para os fornos que aqueciam os metais.

Foi assim não só na Prê-História ou na Antiguidade. Até outro dia, poucos séculos ou algumas décadas atrás, precisávamos matar algum animal não só para comer, mas também para obter alguma distração ou conforto.

Nossos bisavós provavelmente usaram pentes ou armações de óculos feitos de tartaruga. O casco de tartarugas marinhas era cortado em lâminas finas e polido até virar um marrom que brilhava nos adereços dos cavalheiros e damas franceses da *belle époque*. Essa produção deixou vestígios. Até hoje uma espécie de tartaruga marinha se chama, em algumas línguas, “tartaruga-de-pente” devido a sua utilidade no passado. E muitos óculos ainda mantêm o padrão tartaruga, aquele marrom mesclado com manchas irregulares.

Para tocar piano, era preciso matar elefantes. As teclas brancas dos pianos de alta qualidade eram talhadas em marfim. Cada piano de concerto exigia até 10 quilos de marfim, ou seja, as presas de pelo menos dois elefantes africanos adultos. Só a Inglaterra importava, no auge desse mercado, cerca de 500 toneladas do produto por ano.

Até mesmo para brincar com um balão era preciso matar um animal – quase sempre um porco. A bexiga dele era cuidadosamente

lavada, secada e untada com gordura para manter a flexibilidade. Depois, era inflada e amarrada com um barbante. Pequenos

ANTES DOS PLÁSTICOS, PRODUZÍAMOS PENTES E ÓCULOS COM CASCOS DE TARTARUGA.

balões científicos e até preservativos primitivos eram feitos assim. Até hoje, em alguns idiomas, como o português, o espanhol e o inglês, “bexigas” são um sinônimo de “balões”.

Como já dá para notar, a dependência tão intensa da biomassa causava um estrago gigantesco. Há 10 mil anos, quando toda a população do mundo era tão grande quanto a da zona leste da cidade de São Paulo (uns 4 a 5 milhões de pessoas), o ser humano dizimava ou contribuía com a extinção de dezenas de espécies de vertebrados. De 57 espécies conhecidas de mamíferos com mais de mil quilos que existiam há 130 mil anos, haviam sobrado apenas 11 até o ano 1000.¹

A destruição continuou nos milênios seguintes, principalmente com as aves. Na Nova Zelândia, os maoris deram cabo da moa, uma ave gigante e sem asas. O dodô foi varrido da existência depois que portugueses e holandeses chegaram às Ilhas Maurício. E o pássaro-elefante, a maior ave já registrada, com mais de 3 metros de altura e 500 quilos, foi extinto pouco depois da chegada dos humanos à Ilha de Madagascar. Seus ovos, com mais de 30 centímetros, deviam ser deliciosos: arqueólogos encontraram muitas cascas deles entre artefatos humanos de cozinha.

Essa devastação prejudicava não só as espécies a nosso redor, mas nós próprios. Imagine quantas vezes na história não deve ter ocorrido a seguinte situação. Um grupo de nômades descobre um lugar cheio de peixes, aves mansas fáceis de capturar, árvores com boa lenha ou muito pasto para criar animais. O grupo deixa a vida errante e se estabelece por ali. Os anos passam em abundância; com comida de sobra, o pequeno grupo se torna uma civilização. Mas à medida que

a população cresce e mais pessoas utilizam os recursos, mais rápido eles se esgotam. De repente, justamente quando a população atinge recordes, a luz do banquete se apaga.

Estudiosos suspeitam que foi assim que diversas sociedades entraram em colapso. No século X, vikings se estabeleceram na Groenlândia, e por 500 anos viveram numa boa caçando morsas. Comiam a carne e vendiam as presas de marfim para toda a Europa continental. Com o tempo as morsas começaram a escassear. Análises de artefatos medievais de marfim de morsas mostram que as mais recentes eram menores – sinal de que a população diminuía e era preciso capturar fêmeas ou filhotes. Os caçadores vikings provavelmente tiveram que ir cada vez mais perto do Ártico para caçar, até que não conseguiram mais encontrá-las. No século XV, desapareceram da Groenlândia. Da mesma forma, os maias da Península de Yucatán, os índios anasazi dos Estados Unidos, a população rapanui da Ilha de Páscoa e diversos outros povos devem ter sofrido com essa teimosia da natureza de não ser infinita.

Mesmo quando dávamos um jeito de sobreviver, a dependência da biomassa limitava nossa força. A potência de um homem adulto saudável gira em torno de 80 watts – podendo chegar a 400 watts em períodos curtos de esforço intenso. Uma potência tão baixa exigia deixar o aparelho ligado por muito tempo, ou seja: tínhamos que trabalhar muito para conseguir pouquíssimo resultado. Grandes obras, como a construção de estradas ou pirâmides, exigiam a exaustão de animais e de dezenas de milhares de trabalhadores, muitos deles escravos.

Para facilitar as coisas, os grupos humanos criavam equipamentos e máquinas de metal. Instalavam usinas de fundição perto de florestas com muita lenha para alimentar as fornalhas. Mas quando a metalurgia engrenava e indústrias começavam a surgir, já não havia mais floresta, nem lenha: o progresso emperrava de novo. Isso aconteceu

em partes da China medieval, no Chipre, no Afeganistão e na região do Rio Tinto, na Espanha romana. Sob esses limites impostos pela biomassa, a vida estava determinada a ser pobre, cansativa e curta.

Então, algo extraordinário aconteceu. Um feito sem paralelo em toda a história da vida na Terra. Por meio de duas descobertas, o ser humano começou a se livrar dos limites impostos pela biomassa. Conseguimos satisfazer desejos, sanar necessidades, nos multiplicar e enriquecer num nível que ninguém acharia possível.

Primeiro, com a invenção da máquina a vapor, construímos uma ponte inédita entre a energia química e a energia mecânica. Até então, se você quisesse movimento, precisaria de algo que já estivesse em movimento – vento soprando, rio correndo, gente ou bicho puxando. Se quisesse calor, aí sim podia queimar madeira, carvão vegetal ou óleo de animais. Mas uma coisa não virava a outra: o calor não virava força, não empurrava nada. A máquina a vapor conseguiu transformar calor em movimento. Parecia mágica: você colocava objetos de um lado – e do outro a coisa começava a se mover.

Depois, para alimentar as máquinas a vapor, passamos a contar com uma nova fonte de energia – profunda, misteriosa, oculta nas entranhas do planeta. Descobrimos estranhos materiais negros e viscosos, resquícios de vida antiga, capazes de fornecer energia barata e abundante e de substituir milhares de matérias-primas animais. Foi assim que começou a revolução que moldou o mundo moderno: a revolução dos combustíveis fósseis.

A benção da “fumaça do inferno”

O carvão mineral, o combustível que inaugurou essa nova ordem, foi um protagonista improvável. Não era nenhuma novidade: os chineses já o usavam desde a Antiguidade, tanto para aquecer casas

quanto para forjar metais, mas tinham dificuldade para transportá-lo a longas distâncias. Na Inglaterra, registros mostram seu uso já no século XII. Mas era um combustível alternativo, visto com certo desprezo. Como exala uma fuligem malcheirosa, com enxofre, era chamado de “carvão sujo” ou “fumaça do inferno”, usado apenas “pelos pobres sem dinheiro para comprar madeira”, como disse um historiador.² As pessoas preferiam usar nos fornos o carvão vegetal, esse combustível mais agradável que ainda hoje usamos nos churrascos de fim de semana.³

A metalurgia e a fundição eram especialmente destruidoras de florestas, pois exigiam aquecer fornos a mais de 1.000 °C. Era difícil chegar a essa temperatura com a lenha, mas se ela fosse aquecida em ambientes sem oxigênio, transformando-a no carvão vegetal, dava certo. Mas haja madeira. Durante o Império Romano, o complexo de fundição de cobre e prata no Rio Tinto, na Espanha, consumia 750 hectares de florestas por ano.⁴ Ao longo de 400 anos, foram 30 milhões de toneladas de madeira.

Usava-se tanta lenha e carvão vegetal que muitas vezes faltava madeira para fabricar móveis, barcos, rodas ou casas. Em 1548, os moradores de Sussex, na Inglaterra, imploraram ao rei para fechar as fornalhas de fundição: eles estavam sem matéria-prima até para construir barris. Em 1720, os ingleses queimaram 830 mil toneladas de madeira – o equivalente à devastação anual de 1.100 quilômetros quadrados de florestas – para produzir 17 mil toneladas de ferro. “Quando uma única fornalha era capaz de devastar, a cada ano, um círculo de floresta com cerca de 4 quilômetros de raio, fica fácil entender o impacto acumulado de dezenas delas ao longo de muitas décadas”, diz o historiador de energia Vaclav Smil.⁵

A grande vantagem do carvão mineral, aliado à máquina a vapor, foi inaugurar uma era de retornos crescentes. Quanto mais se extraía, mais barato ficava. Diferente da lenha, que ia ficando escassa e cara

à medida que as florestas eram derrubadas, o carvão formava uma espiral de abundância e eficiência.

No começo, sua extração dependia do músculo – homens, mulheres e até crianças escavavam com ferramentas manuais e carregavam o minério em cestos, enquanto

**DIFERENTE DA MADEIRA,
QUANTO MAIS SE
EXTRAÍÁ CARVÃO
MINERAL, MAIS
BARATO ELE FICAVA.**

engenhocas movidas a tração animal, rodas d'água ou vento drenavam a água das minas. Mas a máquina a vapor, alimentada pelo próprio carvão, virou o jogo: passou a bombear a água, puxar os cestos, mover os trens que transportavam mais carvão. Carvão gerava máquina, máquina gerava carvão. O coque (derivado do carvão mineral) aquecia mais fornos, que geravam mais trilhos e locomotivas, que transportavam mais carvão. Entre 1770 e 1900, o consumo de carvão mineral na Inglaterra saltou de 10 milhões para 275 milhões de toneladas. Enquanto isso, o preço ajustado à inflação caiu mais de 30% – um feito que nenhuma energia renovável havia conseguido.⁶

Foi como achar uma bateria infinita debaixo dos pés: menos trabalho para cortar lenha, mais calor para fundir metais, mais ferro para erguer cidades, mais máquinas para substituir o esforço humano. Essa energia barata prolongaria vidas, encheria mesas de comida e abriria caminhos, permitindo que viajássemos, inovássemos e vivêssemos melhor do que qualquer geração anterior.

Outra vantagem da máquina a vapor é que ela não precisava ser fixa como os moinhos de água ou de vento. Se houvesse carvão na garupa, tinha liberdade para perambular por aí, se transformando numa geringonça ambulante. O advento dos trens e barcos a vapor, ao derrubar o tempo de viagem pela terra e pelo mar, quebrou

um isolamento milenar entre humanos. Em vez de uma colcha de retalhos de comunidades isoladas, o mundo se conectou. O tempo para se cruzar o Atlântico não só caiu de oito semanas para apenas uma semana como ficou mais previsível e seguro. Como resultado, milhões de imigrantes italianos, portugueses, irlandeses e, como meus antepassados, poloneses e alemães tomaram coragem para tentar a sorte na América do Norte e do Sul. Regiões antes isoladas puderam se interligar por redes de especialização e comércio – o ingrediente número 00001 da prosperidade humana.



Considere um criador de gado da Argentina. Antes dos navios refrigerados, até dava para exportar proteína, mas só em forma de charque, aquele salgado duro feito para durar semanas em porão de navio e no prato do exército. Até que, em 1876, zarpou do Rio da Prata o *Le Frigorifique*, o primeiro navio com sistema de refrigeração a bordo. De repente, um bife de *chorizo* portenho chegou são e salvo ao paladar francês. A tecnologia permitiu que a Argentina fizesse o que sabia fazer melhor: criar gado em seus campos planos e infinitos. Já os europeus podiam comprar carne melhor e mais barata.

Entre 1875 e 1914, a Argentina se tornou um dos países que mais cresciam no mundo, com renda per capita entre as maiores do planeta (os franceses, para falar de alguém endinheirado, chegaram a usar a expressão “rico como um argentino”). Já o consumo de carne entre os franceses passou de 20 quilos por ano no começo do século XIX para 80 quilos hoje. Boca Juniors e Paris Saint-Germain entraram em campo – e os dois ganharam.

Mas ainda era só o começo. O consumo de carvão seguiria crescendo, mas cederia o papel de protagonista daquela revolução para os

derivados do petróleo. A gasolina, o diesel e o gás natural se mostrariam muito mais limpos e eficientes, especialmente para o transporte. O curioso é que eles surgiram meio por acaso, como rejeitos, sobras da produção de um combustível de iluminação criado para substituir o óleo de baleia.

A falta de baleias deu força ao petróleo

O balneário de East Hampton, no estado de Nova York, é hoje repleto de mansões de celebridades – Sylvester Stallone, Beyoncé e meu herói Jerry Seinfeld têm casas ali. A situação era um pouco diferente em 1674. Em abril daquele ano, as autoridades da cidade decidiram dar um basta aos “odores desagradáveis e repulsivos” de gordura queimada e dos restos de baleia abandonados pelas praias. Determinaram que “todos os restos de baleia que estiverem nos diversos locais de cozimento dos homens deverão ser enterrados até o dia 15 deste mês, sob pena de multa de 5 xelins”.⁷ Por mais asqueroso que fosse o ambiente, ninguém cogitava abandonar a caça de baleias. Pelo contrário: a atividade era tão importante para a economia local que os diretores da escola de East Hampton recebiam ordens para liberar os meninos das aulas no inverno e no começo da primavera, garantindo que houvesse braços suficientes para a matança.

Muito antes dos arpões de ferro e dos navios industriais, povos costeiros já perseguiam esses gigantes do mar. Petróglifos neolíticos da Coreia mostram cenas de baleias cercadas por barcos há mais de 5 mil anos. Povos do Ártico, como os inuits, já caçavam baleias desde 3000 a.C., usando cada parte do animal para sobreviver no frio extremo. Na Idade Média, os bascos chegaram a estabelecer estações baleeiras até no Canadá e na Islândia; os aleutas do Alasca usavam dardos envenenados disparados de caiaques.

No século XIX, o “óleo de peixe”, como se chamava o óleo produzido a partir da grossa camada de gordura das baleias, era um combustível comum da iluminação pública. Alimentou os lampiões das ruas de Paris, Nova York, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Mumbai, Xangai ou Honolulu e dezenas de outras. Para velas de alta qualidade, havia outras substâncias. Uma delas era a cera de palma com estearina, um aditivo extraído do óleo de palma que aumentava a dureza, o odor e o tempo de queima das velas. Outra era o espermacete, a substância branca e oleosa encontrada na cabeça das baleias cachalotes. Velas com esse material “forneciam uma luz branca e limpa; suas gotas não deixam manchas de gordura como as velas comuns”, como escreveu Benjamin Franklin em 1751.

Quando as baleias começaram a faltar, alguns exploradores apelaram para os pinguins. Como as baleias, pinguins têm uma camada de gordura para protegê-los do frio – a fonte de óleo para iluminação. Em 1867, uma expedição de quatro barcos britânicos para o Atlântico Sul produziu mais de 200 mil litros de óleo de pinguim. Como cada ave rende em média meio litro de óleo, é possível estimar que só aquela expedição matou 400 mil pinguins. Então o carvão mineral entrou em cena.

Não exatamente o carvão, mas o gás extraído dele, chamado “gás de hulha” ou “gás de cidade”, que passou a ser usado para a iluminação pública. Relatos deixam clara a percepção da época de que o gás substituiu a gordura animal. “Parece que ouvimos o riso das baleias”, disse uma sátira num jornal de 1852. “O Sr. Spermaceti talvez esteja agora, com sua imponência, cutucando meia dúzia de suas esposas e sussurrando: ‘Fiquem em paz daqui pra frente, minhas queridas! Aproveitem à vontade as lulas saborosas! Nada mais de arpões, nada mais de correria, nada mais de situações difíceis! Eles inventaram um tal de gás que eu não sei muito bem o que é – só sei que não é gordura’.”⁸

Outro substituto apareceu em 1840: o querosene. Brilhava mais, poluía menos e custava menos que a maioria dos combustíveis da época. Sua matéria-prima era um líquido negro, viscoso e malcheiroso que brotava do chão. Assim como o carvão mineral, o petróleo já era conhecido havia séculos, mas ninguém o levava muito a sério. Servia como argamassa, verniz de construção ou era vendido como “óleo de Sêneca”, um elixir contra dor de cabeça e picada de cobra. Foi o querosene que finalmente deu ao petróleo uma função digna.

A descoberta de poços de petróleo na Pensilvânia, em 1859, foi vista na época como uma boa notícia para as baleias. A revista americana *Vanity Fair* publicou uma estranha charge sobre isso. Num salão de baile, baleias com smoking e vestidos de gala dançam, bebem espumante e conversam alegremente, sendo servidas por sapos-garçons. *Óleo mineral sempre acaba legal!*, diz uma faixa ao fundo do salão. A legenda da charge explica: *Grande baile oferecido pelas baleias em homenagem à descoberta do poço de petróleo na Pensilvânia.*

